

A Supervisão como Método de Pesquisa em Serviço Social: Um Projecto sobre Idosos e Doença Mental na Suécia

Ulla Melin Emilsson

A supervisão desempenha um papel primordial na formação e actividade dos assistentes sociais na Suécia, considerada uma forma de integrar teoria e prática no processo da formação no trabalho social e, ao mesmo tempo, um instrumento de profissionalização e formalização dos processos. Por outro lado, a supervisão é um terreno ainda pouco explorado como metodologia de investigação. Este artigo expõe as ideias e práticas de um projecto de intervenção e desenvolvimento que procura explorar, especificamente, a supervisão como método de pesquisa. O projecto é dirigido, de forma mais geral, ao apoio e formação dos profissionais e chefias de serviços, envolvidos no cuidado e tratamento de idosos que sofrem de doenças mentais, institucionalizados em residências sob a responsabilidade dos serviços de assistência social. O trabalho de investigação que realizei, anteriormente, nesta área (Emilsson 1998) serve de antecedente para o programa de pesquisa. Além de medir os efeitos da intervenção, este artigo discute também, em qualquer caso preliminarmente, se a supervisão, enquanto método, fornece condições de possibilidade de outras formas de conhecimento, para além da conjunção entre entrevistas semi-estruturadas e observação participante, característica dos métodos qualitativos convencionais.

SUPERVISÃO ORIENTADA PARA PROBLEMAS E SUPERVISÃO ORIENTADA PARA PROCESSOS

Numa perspectiva histórica, a supervisão foi o método básico utilizado para a formação em trabalhos na área social, na qual os mais experientes supervisionavam, a título voluntário, os colegas menos experientes. Quando, mais tarde, nos princípios do século XX, se começou com a formação de assistentes sociais nos EUA, a supervisão foi introduzida como instrumento pedagógico, dando origem ao desenvolvimento de metodologias próprias (Gordan 1992). Quanto à tradição da supervisão e acompanhamento dos assistentes sociais já formados ou dos praticantes de profissões similares, a Suécia foi, de início, fortemente influenciada pelo crescimento, na década de 1920, das formações psicanalíticas e os métodos de supervisão desenvolveram-se com uma orientação teórica, predominantemente, psicanalítica ou psicodinâmica. Mais tarde, nos anos 50, quando a terapia familiar baseada na teoria de sistemas fez a sua entrada, a supervisão passou a ser, preferencialmente, integrada ou em processos de grupo, como parte activa do trabalho e, paralelamente, com uma atitude mais psicodinâmica orientada para o indivíduo (para ilustrar outras áreas de supervisão, consultar, por exemplo, Cajvert 1998; Gjems 1997; Dryden e Thorne 1991; Stiwnne 1993).

Independentemente da base teórica ou da orientação, o objectivo da supervisão - tanto durante a formação como no desempenho profissional - consiste em aumentar os conhecimentos e a competência dos profissionais. No âmbito do trabalho social baseado na teoria cognitiva que, durante a última década, tem vindo a ganhar terreno, na Suécia e noutros países, também se salienta a importância da supervisão. Fay Fransella e Peggy Dalton (2000) escrevem na introdução do seu livro: 'Ninguém se tornará um aconselhador [*a personal construct counsellor*] simplesmente lendo este livro, uma vez que o aconselhamento pode apenas ser aprendido através da prática supervisionada.'

O modelo de supervisão utilizado, actualmente, na Suécia tem o seu equivalente no resto da Europa, podendo dizer-se que se baseia na teoria dinâmica de sistemas. Este modelo contém uma visão global, considerando que cada indivíduo, por exemplo no seio de uma família, influencia os outros e tem um papel importante no processo de transformação, o que significa que esta perspectiva confere um lugar central à interacção e relações interpessoais. A supervisão, em geral, ocorre no seio de um grupo de oito participantes no máximo e é feita de forma contínua durante algumas horas por semana, semana sim, semana

não, durante pelo menos um ano. As diferentes formas de supervisão dividem-se, em geral, de acordo com o aspecto que é acentuado, em 'supervisão orientada para problemas' (também, por vezes, designada 'supervisão por assunto') e 'supervisão orientada para processos'. No primeiro caso, o alvo é a tarefa ou o problema a solucionar. No segundo, a atenção é dirigida para os processos inter- pessoais que têm lugar durante a prática profissional, colocando em foco o profissional, o cliente e a relação desenvolvida entre eles.

No caso da supervisão orientada para problemas - dirigida para o cliente e seu problema - o objectivo formativo, nas licenciaturas e pós-graduação, é a aquisição de certas capacidades, de modo a preparar os profissionais supervisionados para que possam aproximar-se, com eficácia, do objectivo pretendido (Egidius 1995: 203). A reunião das condições mais satisfatórias para a resolução do problema do cliente está, portanto, no centro da aprendizagem. Na assistência aos doentes mentais na Suécia, este é o modelo mais comum de supervisão. A necessidade de formação em matérias relacionadas com a doença mental e a capacidade do pessoal técnico e assistente para interpretar, correctamente, os sintomas dos doentes são postas em relevo, tanto pelos investigadores como pelos que executam o trabalho clínico (Annerstedt 1995; Nystrand 1994). Uma atitude semelhante a esta prática do trabalho social é o conceito de assistência médica baseada no conhecimento do paciente, tanto quanto da doença nos seus diferentes aspectos, ocupam um lugar central no tratamento (Borell 1992).

Por seu turno, a supervisão orientada para processos é focada sobre a pessoa que realiza o trabalho social ou terapêutico e a relação entre o profissional e o cliente. Olsson (1991: 2) considera que, neste caso,

a experiência da própria pessoa supervisionada serve de base para um processo de realização e de aprendizagem. Este processo é destinado a dar aos supervisionados uma melhor compreensão da problemática das tarefas e uma melhor capacidade de contribuir para as soluções construtivas para o cliente.

Esta orientação fundada na ênfase em processos e relações tem origem no trabalho psicoterapêutico e em teorias psicológicas e sociopsicológicas, no sentido da capacitação profissional e desenvolvimento do agente (Shohet e Wolmot 1991). A relação e as próprias experiência do pessoal servem de base para um processo de trabalho que possui um carácter, ao mesmo tempo, formativo e de apoio (Bernler e Johnsson

2000; Cajvert, 1998; Egidius 1995; Gjems 1997; Kadushin 1985; Olsson 1991; Sproul-Bolton 1995). Mas não somente a relação entre o profissional e o cliente e, por outro lado, entre o cliente e seu ambiente mais próximo é importante. Aqui também a interacção entre as pessoas do grupo de trabalho e os indivíduos do grupo de supervisão são objecto de análise. O supervisor é também visto como um factor dinâmico, no sentido de que a qualidade da relação de supervisão pode influir nos processos inter-humanos e no resultado do tratamento (Stiwne 1993).

PROJECTO DE INTERVENÇÃO - A SUPERVISÃO COMO MÉTODO DE PESQUISA

Mediante a descrição das ideias e procedimentos relacionados com um projecto de desenvolvimento em curso, no qual a supervisão assume uma posição central, pretende-se demonstrar, de seguida, como a supervisão pode ser realizada de forma aplicada, explorando, especificamente, a questão das práticas e procedimentos de supervisão como possível procedimento epistemológico e de pesquisa.

A maioria dos estudos referentes aos cuidados com os doentes mentais aponta para a necessidade da supervisão do pessoal (Annerstedt 1987; Marcusson et al.1995). Aqueles que preconizam o uso da supervisão são unânimes em descrever a importância do apoio e da ajuda no pesado trabalho com doentes mentais idosos. Por outro lado, as opiniões divergem no que se refere a *quem* deve efectuar a supervisão, *qual* o seu conteúdo e *como* pô-la em prática. Por outras palavras, a maior parte refere-se, favoravelmente, à supervisão, mas falta, no entanto, uma definição uniforme e uma descrição do conteúdo da supervisão para o grupo profissional e sua área específica de trabalho. Projectos semelhantes de carácter interveniente foram realizados com o pessoal de cuidados médicos, tendo como objectivo a formação, mudança e desenvolvimento (Hallberg 1995). Por outro lado, falta documentação referente ao trabalho de assistência aos idosos em geral e a assistência aos doentes mentais idosos em particular, por parte do pessoal empregado pelos municípios, que é, actualmente, a forma mais utilizada na Suécia. Neste projecto de desenvolvimento, a supervisão em causa é do tipo orientada para processos. Concretamente, em vez de uma formação simplesmente baseada no diagnóstico e nos problemas do doente mental idoso, os conhecimentos concentram-se no comportamento do pessoal e na forma como eles próprios vêem a sua actividade.

Na minha dissertação de Doutoramento 'O Dia Normal em Mundos Diferentes: Doentes Mentais e os Profissionais em Três Residências Integradas' (Emilsson 1998), analisei a vida quotidiana de residências integradas para idosos sofrendo de doença mental, em contexto sueco. Um determinado número desses doentes, em geral entre seis e oito, vive em apartamentos individuais ou em quartos com acesso a cozinha e outros espaços comuns com pessoal disponível 24 horas por dia. Desta forma, pretende-se, graças a uma dinamização correcta, criar um ambiente e um modo de tratamento adequados e melhorar a qualidade de vida. De um ponto de vista internacional, a residência integrada para doentes mentais idosos é pouco praticada. Além da Suécia, só na França existe, desde 1968, um serviço equivalente, o 'Cantou', mas sem assistência médica. Partindo das actuações, tanto dos doentes como dos profissionais, procurei compreender as realidades das suas vidas no dia a dia. A análise comparativa tornou manifesto que o ambiente nas três residências integradas, apesar das condições criadas, caracteriza-se pela predominância de situações que, precisamente, se pretendiam evitar, como a desmotivação e a solidão.

Na verdade, se o estudo demonstra que a maioria dos funcionários e técnicos tem uma atitude positiva em relação ao trabalho, muitos demonstram, porém, por palavras e procedimentos, dificuldades em suportar as condições específicas desta actividade. Os antecedentes dos funcionários, no que diz respeito à idade, formação e antiguidade nos serviços de assistência em cuidados ou em residência integrada, também não são indicadores claros para compreender a desmotivação quotidiana e as razões por que há indivíduos que suportam bem o trabalho, enquanto outros não.

A minha interpretação é que a luta pela conservação da identidade ocupa um lugar central, tanto para os doentes como para os profissionais. Neste sentido, os doentes mentais procuram conseguir uma afirmação da realidade e da imagem de si próprios através da convivência com os profissionais empregados nas residências. Os próprios profissionais, por seu lado, confrontam-se com uma crise de identidade e como mobilizar estratégias de afirmação e auto-identificação, num ambiente onde se cruzam tantos níveis diferentes de identidades e dissolução de identidade, na confluência problemática de 'mundos distintos'. À semelhança dos doentes, também os profissionais procuram estratégias de afirmação, nem sempre o conseguindo.

Objectivos e Métodos

A interpretação referida acima, acerca da ameaça de dissolução de identidade na convivência com os doentes, foram por mim interpretadas como sendo, entre outras coisas, uma necessidade de afirmação. Uma das minhas ambições com este projecto é que a supervisão em grupo, paralelamente com o aspecto da formação, tenha também uma função de apoio, no que respeita ao acesso a condições de afirmação para os participantes. A supervisão em grupo fomenta a prática de profissionais e chefes de serviço reflectirem em conjunto sobre os seus comportamentos e meios de actuação, procurando a compreensão e conhecimento das próprias reacções. Durante a investigação que realizei com profissionais em residências integradas, pude constatar até que ponto lhes faltava, precisamente, o hábito de reflexão como elemento permanente do trabalho quotidiano. Marta Szebehelys (1995) também descreve experiências semelhantes no estudo que realizou sobre os profissionais de serviços de assistência ao domicílio. Nestas circunstâncias, a reflexão consiste em ponderar as condições do comportamento e a maneira como a própria pessoa está envolvida no processo (Alvesson e Sköldbberg 1994: 321). A partir dos resultados obtidos, a ambição é formular modelos de supervisão viáveis, tanto para os profissionais em geral, como para os chefes nas residências integradas de doentes mentais. O propósito é que estes modelos de supervisão possam também ser aplicados noutras áreas do trabalho social.

Assim, os objectivos deste estudo de intervenção podem ser reunidos nos pontos seguintes:

1. A supervisão como fonte de conhecimento acerca das experiências dos profissionais e chefes de serviços, em relação às situações no trabalho, condições dos doentes mentais e relações de interacção.
2. A discussão da supervisão orientada para processos como um meio de aquisição de afirmação para os profissionais e coordenadores, em processos de grupo.
3. As dimensões epistemológicas da prática da supervisão e produção de conhecimento.
4. A partir dos resultados adquiridos, elaborar um modelo de trabalho aplicável na formação e apoio permanente ao pessoal empregado no quadro de assistência especial de doentes mentais idosos, assim como noutras áreas do trabalho social.

A primeira fase do projecto decorreu entre Novembro de 1999 e Março de 2001. Esta fase foi organizada em dois planos de actividades, desenvolvidos paralelamente - mais adiante referidos como *Actividade I* e *Actividade II* - integrando o pessoal de cuidados e tratamento que trabalha durante o dia numa residência integrada para doentes mentais idosos e seis responsáveis de diferentes residências integradas. Na segunda fase, entre Março de 2001 e a transição de 2001-2002, serão organizadas a sistematização, tratamento e análise dos materiais recolhidos.

Para evitar que seja a mesma pessoa a dirigir a intervenção e a proceder à avaliação dos resultados, são necessários dois pesquisadores - daqui por diante referidos, anonimamente, como Pesquisadora 1 e Pesquisadora 2. A primeira é assistente universitária, licenciada em serviço social e com formação em psicoterapia. Tem uma longa experiência tanto na condução de entrevistas, como na supervisão de diferentes categorias de profissionais, além do ensino no domínio de teorias psicológicas e suas aplicações práticas. A Pesquisadora 2 é licenciada e doutorada em trabalho social, psicóloga com formação em psicoterapia, com uma longa experiência em trabalho de entrevistas e supervisão, assim como de ensino nestas áreas.

Primeira Fase do Trabalho

Planificação da Actividade I:

1. O trabalho inicia-se com encontros de informação e perguntas com todos os participantes no projecto. A Pesquisadora 1 desenvolve, seguidamente, entrevistas semi-estruturadas com os diferentes quadros da residência acerca das suas experiências em relações com os doentes, assim como sobre a forma como o trabalho em grupo se apresenta na residência. As entrevistas são gravadas e transcritas integralmente.
2. A Pesquisadora 1 inicia, em seguida, o trabalho de observação participante, durante cerca de um mês, para estudar a realidade quotidiana, relações e processos de grupo, tendo lugar durante todos os dias da semana e todos os horários do dia de trabalho. O trabalho participatório pode incluir também entrevistas gravadas, de forma descontraída, transcritas sucessivamente.
3. A Pesquisadora 2 prossegue a supervisão orientada para as relações inter-humanas na residência. A intenção é dar apoio, condições de afirmação e conhecimentos sobre a maneira de agir e os comportamentos dos doentes. O exercício de auto-reflexão sobre o com-

portamento de cada um é incluído como prática. A supervisão contínua em grupo tem lugar de duas em duas semanas durante, 10 a 12 meses. Tal como no caso da observação participante, cada momento de supervisão é documentado com a descrição do processo, tão detalhadamente quanto possível.

4. Em seguida, a Pesquisadora 1 entrevista, novamente, os profissionais e retoma a observação participante para a avaliação do resultado das intervenções da supervisão.

Planificação da Actividade II:

Esta actividade dirige-se aos técnicos de serviço e responsáveis com funções de chefia. A intenção é examinar as condições da supervisão, enquanto instrumento de trabalho em grupo que inclui apoio para a afirmação e conhecimento dos processos inter-pessoais, em geral, e aspectos de dinâmica de grupo, em particular. Esta actividade difere da *Actividade I*, dado que a observação participante em todas as residências integradas exigiria demasiado tempo e recursos. Por isso, este momento é organizado, segundo uma conjugação entre entrevistas e supervisão, de acordo com o plano seguinte.

- 1) A Pesquisadora 2 realiza entrevistas com os chefes de serviço e de equipa, contendo questões acerca da sua experiência de relação com os doentes e o pessoal da casa e, por outro lado, dos seus conhecimentos sobre os efeitos da dinâmica de grupo. As entrevistas são gravadas e transcritas verbatim.
- 2) A Pesquisadora 1 realiza a supervisão com os chefes das residências, em grupo e de forma contínua, de duas em duas semanas, durante 10 a 12 meses.
- 3) Seguidamente, a Pesquisadora 2 volta a entrevistar os chefes, a fim de avaliar o resultado da supervisão, enquanto apoio, desenvolvimento e formação.

Na parte final ou a *segunda fase do projecto*, o material será sistematizado e trabalhado. A análise e os resultados vão servir de base para o desenvolvimento de possíveis modalidades de supervisão em casas integradas de doentes mentais idosos, mas o propósito, como referi, é que também possam fornecer sugestões profissionalizadas e procedimentos produtivos para outros grupos e outras áreas do trabalho social.

*A Supervisão como Método de Pesquisa:
Uma Discussão não Terminada*

A escolha dos métodos para a recolha e análise de dados está intimamente ligada com o objecto que se pretende estudar, as pessoas que executam a investigação e os recursos materiais de que se dispõe (Henriksson e Månsson 1996; Sages e Hensfeldt Dahl 1999). O projecto de desenvolvimento em causa, como exemplo do emprego da supervisão, sobrepondo práticas de intervenção e método de investigação, segue duas linhas gerais. A primeira - o objectivo mais geral do projecto - pretende avaliar a supervisão como estratégia para formar e apoiar os profissionais das residências integradas na melhoraria do trabalho. A outra direcção, mais específica, é averiguar a supervisão como instrumento de conhecimento e método de pesquisa qualitativo. Estas considerações são influenciadas por um raciocínio hermenêutico-fenomenológico, baseado na intenção de compreender o comportamento das pessoas, seus significados e estrutura intrínsecos. Por outras palavras, a questão é a natureza do trabalho realizado em equipa, as condições da sua acção e as influências recíprocas entre o pessoal e os próprios doentes.

Falando comparativamente, são muitos os paralelos entre o modo de desenvolver o trabalho social com pessoas, nas suas vidas quotidianas, e estudar essa realidade com métodos de investigação qualitativos. Estes métodos podem ter denominações diferentes, como trabalho de campo, investigação interpretativa, estudos de caso ou etnografia (Burgess 1991; Kirk e Miller 1986; Lofland e Lofland 1995). Uma dimensão comum a todos estas metodologias é o pressuposto que, para poder compreender e descrever a realidade, é necessário aproximar-se da vida empírica e, de preferência, participar no dia a dia da realidade que se quer conhecer. Desta forma, o investigador torna-se, ao mesmo tempo, parte integrante dos processos que está a estudar e também, indirectamente, parte do resultado. Assim, uma das condições deste projecto é que exige a minha competência como supervisor. O pesquisador aqui ocupa também o lugar de supervisor. Nestas condições, o investigador que, na pesquisa, faz supervisão desempenha, profissional e epistemologicamente, um duplo papel participatório, sobrepondo intervenção e construção de conhecimento.

A questão que pretendo discutir é se, precisamente, a supervisão pode dar resposta a vários problemas, de uma forma mais eficaz do que a simples combinação de entrevistas e observação participante. As entrevistas e os métodos participatórios evoluíram separadamente, em

termos, por exemplo, da diferença tradicional entre as entrevistas direccionadas, características dos inquéritos sociológicos, e o inquérito participatório típico da etnografia. A estratégia metodológica das entrevistas tendeu a evoluir, a partir dos anos 70, para práticas mais dialógicas e de autêntica conversação de pesquisa. Neste sentido, a prática contemporânea mais prestigiada é a combinação entre o dialogismo das entrevistas e a observação participante. O meu objectivo não é demonstrar que a supervisão constitui uma realidade epistemológica de outra natureza, nem apenas dizer - o que seria, metodologicamente, pouco provocativo - que a supervisão pode incluir formas dialógicas e participatórias na produção de conhecimento e na qualificação do trabalho supervisionado. A questão que eu procuro desenvolver neste projecto é como a supervisão, integrando práticas dialógicas e participatórias, pode constituir uma *lógica de conhecimento* que é, simultaneamente, intervenção e prática de pesquisa. A ideia da supervisão como método de pesquisa não é, assim, dirigida aos meios de conseguir recursos para trabalhos sobre esta área, mas ao modo como o próprio modelo de intervenção da supervisão ganha um sentido analítico e epistemológico. É este aspecto que poderá ser inovador e potencialmente produtivo nos esforços contemporâneos para a expansão das dimensões epistemológicas do trabalho social.

Que respostas poderia, então, dar a supervisão e que elementos existem neste método de pesquisa interactiva que poderiam contribuir para isso? Dado que o projecto apresentado está ainda em curso, até agora só há resultados preliminares e exploratórios. A discussão de carácter reflexivo que se segue, deve, por isso, ser considerada numa perspectiva de desenvolvimento metodológico que poderá, numa fase posterior, ser utilizado num trabalho de análise mais sistemático.

Como referi acima, o modelo de supervisão orientado para processos acentua a interacção entre as pessoas dentro do grupo de trabalho. Um factor crucial é a relação entre o grupo de profissionais encarregado dos cuidados e tratamentos e os chefes de equipa. Até este momento do projecto de pesquisa, alguns factores ressaltam tão nitidamente que vale a pena mencioná-los, mesmo que haja ainda bastante caminho a percorrer. Os profissionais expressam, tanto no discurso como nos procedimentos práticos, que são eles quem decide o que devem fazer e a forma de trabalhar. Em relação ao supervisor, isso é evidenciado pelo facto de só participarem na supervisão, quando esta tem lugar durante a tarde em que estão de serviço, apesar de beneficiarem de uma compensação pecuniária quando participam na supervisão fora das horas de serviço e, além disso, de terem tomado parte nas decisõ-

es referentes à elaboração das condições estruturais. Para dar uma ideia das suas relações com a chefia, basta citar as palavras de um dos profissionais, numa das casas integradas, por ocasião de uma sessão de supervisão: ‘de qualquer forma, nós fazemos como queremos, mas tudo decorre mais calmamente se essa liberdade de acção não contrariar o que as chefias pretendem’.

A minha experiência anterior, tanto de observação participante como de entrevistas individuais, demonstrou que os membros do pessoal, mesmo reconhecendo como correctas as descrições do seu modo de actuar, raramente admitem serem os responsáveis por actuações que não sejam inteiramente positivas (Emilsson 1998). Na fase inicial deste projecto, imaginei que, através de um constante regresso à relação de grupo sob forma de supervisão, se poderia ultrapassar esse desajuste e que, na realidade, se poderia falar sobre problemas de que todos têm conhecimento, mas que não são discutidos ou que se evitam discutir. Esta expectativa, porém, não se concretizou. O que, até agora, foi possível constatar vai no sentido contrário, quer dizer, as relações evidenciadas pelo investigador, durante a observação participante, não se reflectem no que é tratado no decorrer das sessões de supervisão. Se esta situação se mantiver, poder-se-ia concluir que a supervisão em grupo, neste caso concreto, teria um efeito mais de conservação do que de desenvolvimento da capacidade de reflexão acerca das dificuldades de reflexão sobre o trabalho quotidiano, uma experiência que reconheço, como referi, tanto do meu próprio trabalho de pesquisa como de outros estudos feitos na área da supervisão (Emilsson 1998; Szebehely 1995).

Outra questão evidente, referida mais acima, também neste projecto é a dificuldade de lidar com ‘mundos distintos’ e a preservação de identidade que afecta, tanto os doentes, como os profissionais nas casas integradas. Se as doenças mentais têm uma influência especial sobre as funções cognitivas que se traduz numa incapacidade de ‘se lembrar’ e de seguir instruções, isto implica que o seu comportamento pode ser descrito com um ‘eles fazem como querem’ ou que, aparentemente, não se deixam dirigir pelo que os outros pensam, da mesma forma que os profissionais dizem que ‘fazem como querem’.

Mantém-se a questão de saber se é, precisamente, através da supervisão como método de pesquisa que foi possível elucidar estes exemplos ou se não teria sido possível obter os mesmos conhecimentos mediante, por exemplo, o método da observação participante e das entrevistas tomadas como um suporte para a supervisão. A questão produtiva é se uma *lógica de pesquisa* reveste a própria supervisão e a

especificidade dos seus métodos e procedimentos no conjunto do trabalho social. No entanto, há ainda muito a fazer, tanto no presente projecto de investigação, como no desenvolvimento da supervisão como eventual método qualitativo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Alvesson, Mats e Skoldberg, Kaj
 1994 *Tolkning och Reflektion: Vetenskapsfilosofi och Kvalitativ Metod (Interpretação e Reflexão: Filosofia Científica e Método Qualitativo)*. Lund: Studentlitteratur.
- Annerstedt Lena
 1987 *Gruppenboendets Roll i Vårdkedjan: Erfarenheter av Pilotprojektet 'Gruppboende för Åldersdementa i Malmö 1985-86' (O Papel da Residência Integrada na Cadeia de Cuidados aos Enfermos: Experiências do Projecto Piloto 'Residências Integradas para Idosos Doentes Mentais em Malmö 1985-86')*. Hospital de Vårnhems: Malmö.
- Bernler, Gunnar e Johnsson, Lisbeth
 2000 *Handledning i Psykosocialt Arbete (A Supervisão no Trabalho Psicossocial)*. Estocolmo: Natur och Kultur.
- Borell, Lena
 1992 *The Activity Life of Persons with a Dementia Disease*. Estocolmo: Karolinska Institutet.
- Burgess, Robert G.
 1991 'Approaches to Field Research'. In *Field Research: A Sourcebook and Field Manual*. Robert G. Burgess (ed.). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Cajvert, Lilja
 1998 *Behandlarens Kreativa Rum: Om Handledning (O Espaço Criativo do Pessoal Clínico: Acerca da Supervisão)*. Lund: Studentlitteratur.
- Dryden, Windy e Thorne, Brian
 1991 *Training and Supervision for Counselling in Action*. Londres: Sage Publications.
- Egidius, Henry
 1995 *Termlexikon i Psykologi, Pedagogik och Psykoterapi (Dicionário de Termos de Psicologia, Pedagogia e Psicoterapia)*. Lund: Studentlitteratur.

- Emilsson, Ulla Melin
1998 *Vardag i Olika Världar: Om Dementa och Vårdbiträden på Tre Gruppboenden (O Dia a Dia em Mundos Diferentes: Doentes e Pessoal Assistente em Três Residências Integradas*. Lund: Arkiv Förlag.
- Fansella, Fay e Dalton, Peggy
2000 *Personal Construct Counselling in Action*. Londres: Sage Publications.
- Gjems, Liv
1997 *Handledning i Professionsgrupper (Supervisão e Grupos Profissionais)*. Lund: Studentlitteratur.
- Gordan, Kurt
1992 *Psykoterapihandledning inom Utbildning, i Kliniskt Arbete och på Institution (Supervisão de Terapia no Ensino, Trabalho Clínico e Instituições)*. Estocolmo: Natur och Kultur.
- Hallberg, Ingalill R.
1995 *Klinisk Omvårdnadshandledning: Handledning och Individualiserad Omvårdnad i Demensvård (Supervisão no Tratamento Clínico: Supervisão e Tratamento Individualizado da Doença Mental)*. Estocolmo: Liber Utbildning.
- Henriksson, Benny e Månsson, Sven-Axel
1996 'Deltagande Observation' ('Observação Participante'). In *Kvalitativa Studier i Teori och Praktik (Estudos Qualitativos na Teoria e na Prática)*. Per-Gunnar Svenson e Bengt Starrin (eds.). Lund: Studentlitteratur.
- Kadushin, Alfred
1985 *Supervision in Social Work*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Kirk, Jerome e Miller, Marc L.
1986 *Reliability and Validity in Qualitative Research*. Londres: Sage Publications.
- Lofland, John e Lofland, Lyn H.
1995 *Analyzing Social Settings: A Guide to Qualitative Observation and Analysis*. Belmont: Wadsworth Publishing Company.
- Marcusson, Jan; Blennow, Kaj; Skoog, Ingmar; Wallin, Anders
1995 *Demenssjukdomar (Doenças Mentais)*. Estocolmo: Almqvist & Wiskell Medicin, Liber Utbildning.

- Nystrand, Anders
 1994 *Demens. Apoteken Informerar om Sjukdom och Hälsa*, nr 11. (Demência. Boletim de Informação Farmacêutica sobre Doença e Saúde, nº 11). Estocolmo: Apoteksbolaget.
- Olsson, Eric
 1991 *Handledning i Psykosocialt Arbete ur Relations- och Problemlösningsperspektiv (Supervisão no Trabalho Psicossocial numa Perspectiva de Relações e de Solução de Problemas)*. Lund: Socialhögskolan.
- Sages, Roger B. e Hensfeldt, Petra Dahl
 1999 'En Fenomenologisk Analysmetod inom Arbetslivsforskning' ('Um Método de Análise Fenomenológica na Pesquisa da Vida Laboral'). In *Kvalitativa Metoder i Arbetslivsforskning*. Jitka Lindén, Gunnela Westlander, Gunnar Karlsson (eds.). Estocolmo: Rådet för Arbetslivsforskning.
- Shoet, Robin e Wolmot, Joan
 1991 'The Key Issue in the Supervision of Counsellors: The Supervisory Relationship'. In *Training and Supervision for Counselling in Action*. Windy Dryden e Brian Thorne (eds.). Londres: Sage Publications.
- Sproul-Bolton, Robin
 1995 'Group Supervision in an Acute Psychiatric Unit'. In *The Third Eye: Supervision of Analytic Groups*. M. Sharpe (ed.). Londres: Routledge.
- Stiwne, Dan
 1993 *Perspektiv på Handledning (Perspectiva de Supervisão)*. Estocolmo: Natur och Kultur.
- Szebehely, Marta
 1995 *Vardagens Organisering: Om Vårdbiträden och Gamla i Hemtjänsten (Organização do Dia a Dia: Pessoal Assistente e Idosos na Assistência ao Domicílio)*. Lund: Arkiv Förlag.

A supervisão como método de pesquisa em serviço social: um projecto sobre idosos e doença mental na Suécia

Supervision as a research method in social service: a project on elderly people with dementia in Sweden

Sumário

Summary

Este artigo lida com diferentes perspectivas acerca da supervisão, designadamente, na formação de licenciatura e de pós-graduação, como um meio de apoio a profissionais que trabalham em instituições e, em particular, como um possível método de pesquisa. As ideias e as realizações de um projecto ou estudo de intervenção, actualmente levado a cabo na Suécia, funcionam como modelo e terreno para os procedimentos metodológicos e as propostas teóricas. Em termos empíricos, o objectivo do estudo é inquirir se a supervisão de grupo orientada para processos é um meio produtivo para treinar e apoiar os profissionais de instituições para idosos que sofrem de doença mental. A pesquisa anterior da autora, na Suécia, sugere que os profissionais estavam desapontados, no ambiente de trabalho, com a afirmação da sua identidade. Este inquérito pretende explorar se a auto-afirmação pode ser expandida e as necessidades específicas destes profissionais melhor avaliadas com a integração de diferentes estratégias no exercício da supervisão de grupo. Isto inclui recolher material empírico através de entrevistas e a reflexão participatória acerca da prática profissional quotidiana. A questão teoricamente importante aqui são as dimensões analíticas da supervisão, no contexto da discussão actual acerca da expansão epistemológica do campo do Serviço Social. O projecto está ainda em desenvolvimento. Se esta conjugação de direcções e metodologias diversas demonstrar ser uma nova praxis e modo de pensamento acerca do significado da supervisão, a supervisão pode funcionar, produtivamente, como um método qualitativo para o Serviço Social, em paralelo com as práticas metodológicas do trabalho de campo, observação participante e entrevistas.

This article deals with different perspectives on supervision in undergraduate and postgraduate education, as a means of support of the staff in human service institutions, and, in particular, as a possible research method. The ideas and accomplishments of a project or intervention study, which is currently being carried out in Sweden, function as a model and terrain for the methodological procedures and theoretical proposals. In empirical terms, the aim of the study is to inquire whether process-oriented group supervision is a productive way to train and support the employees in homes for elderly people with dementia. The author's earlier research in Sweden suggest that many caregivers were disappointed in their working milieu, by not having their own identity affirmed. The inquiry intends to explore if self-affirmation can be expanded and the specific necessities of this professional workers better assessed, by integrating different strategies into the exercise of group supervision. This includes collecting empirical material through interviews and the participatory reflection on day to day professional practice. The theoretically important question here is the analytical dimensions of supervision in the context of the current discussion on the epistemological expansion of the field of Social Service. The project is still in progress. If this conjunction of a variety of directions and methodologies come to mean a new praxis and mode of thought on the meaning of supervision, supervision could work, productively, as a qualitative method for Social Service in parallel with the methodological practices of fieldwork, participant observation and interviews.